

**O TRABALHO, O HOMEM
PRIMITIVO E A MASSA
SEGUNDO SIGMUND FREUD**

O TRABALHO, O HOMEM PRIMITIVO E A MASSA SEGUNDO SIGMUND FREUD

Carla Maria Santos Carneiro¹

Resumo

Pretende-se com a presente resenha refletir sobre o trabalho, o homem primitivo e a massa segundo Sigmund Freud.

Palavras-chave: *trabalho, homem primitivo, massa, Freud.*

Abstract

This review aims to reflect on work, primitive man and the masses according to Sigmund Freud.

Keywords: *work, primitive man, mass, Freud.*

Sumário: 1. Introdução. 2. Trabalho. 3. Homem Primitivo. 4. Massa. 5. Conclusão. Referências bibliográficas.

1 Introdução

O trabalho constitui a identidade do indivíduo, transmudando-se, portanto, no seu próprio ser, a ponto de que quando apresentado ou chamado a apresentar-se, o indivíduo é imediatamente referido ou referir-se com a atividade por ele desenvolvida.

Trabalhar, portanto, é viver, desenvolver, comunicar, crescer, amar, reconhecer e ser reconhecido. É através dessa dinâmica que o indivíduo apresenta-se ao mundo e deixa-se por ele ser transformado. Dinâmica essa que tanto pode gerar indivíduos sãos e realizados, como adoecidos e frustrados.

Refletir sobre o trabalho, o homem primitivo e a massa a partir dos ensinamentos de Sigmund Freud é o propósito da presente resenha.

¹ CARNEIRO, Carla Maria Santos. Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Goiás, 1987. Mestre em Direito, Relações Internacionais e Desenvolvimento pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2014. Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2016. Pós - Doutorado em Psicologia pela Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSA)

2. Trabalho

Segundo Freud, “os homens não são espontaneamente inclinados ao trabalho e que argumentos nada podem contra suas paixões” (FREUD [1927], 2010, p. 41).

O autor afirma também que “Nenhuma outra técnica para a condução da vida prende a pessoa tão firmemente à realidade como a ênfase no trabalho, que no mínimo a insere de modo seguro numa porção da realidade” (FREUD [1930], 2016, p. 24).

É que “A possibilidade que oferece de deslocar para o trabalho e os relacionamentos humanos a ele ligados uma forte medida de componentes libidinais – narcísicos, agressivos e mesmo eróticos - empresta-lhe um valor que não fica atrás de seu caráter imprescindível para a afirmação e justificação da existência na sociedade” (FREUD [1930], 2016, p. 24).

Existência na sociedade essa que passa necessariamente pelo reconhecimento do valor do trabalho do outro, uma vez que “Após o homem primitivo descobrir que estava em suas mãos – literalmente – melhorar sua sorte na Terra mediante o trabalho, não podia lhe ser indiferente o fato de alguém trabalhar com ele ou contra ele. O outro indivíduo adquiriu a seus olhos o valor de um colaborador, com o qual era útil viver” (FREUD [1930], 2016, p. 43).

Nesse momento, “A vida humana em comum teve então um duplo fundamento: a compulsão pelo trabalho, criada pela necessidade externa, e o poder do amor, que no caso do homem não dispensava o objeto sexual, a mulher, e no caso da mulher não dispensava o que saíra dela mesma, a criança” (FREUD [1930], 2016, p. 45-46).

Mas, para o autor “o trabalho não é muito apreciado como via para a felicidade. As pessoas não se lançam a ele como a outras possibilidades de gratificação” (FREUD [1930], 2016, p. 24).

Já que “A imensa maioria dos homens trabalha apenas forçada pela necessidade, e graves problemas sociais derivam dessa natural aversão humana ao trabalho” (FREUD [1930], 2016, p. 24).

Não obstante tal fato, “A atividade profissional traz particular satisfação quando é escolhida livremente, isto é, quando permite tornar úteis, através da sublimação, pendores existentes, impulsos instintuais subsistentes ou constitucionalmente reforçados” (FREUD [1930], 2016, p. 24).

De acordo com o autor, “A sublimação do instinto é um traço bastante saliente da evolução cultural, ela torna possível que atividades psíquicas mais elevadas, científicas, artísticas, ideológicas, tenham papel tão significativo na vida civilizada” (FREUD [1930], 2016, p. 42).

Chegando mesmo a afirmar que “Cedendo à primeira impressão, seríamos tentados a dizer que a sublimação é o destino imposto ao instinto pela civilização” (FREUD [1930], 2016, p. 42).

Para o autor, o “melhor resultado é obtido quando se consegue elevar suficientemente o ganho de prazer a partir das fontes de trabalho psíquico e intelectual. Então o destino não pode fazer muito contra o indivíduo” (FREUD [1930], 2016, p.23).

Sendo certo que “A satisfação desse gênero, como a alegria do artista no criar, ao dar corpo a suas fantasias, a alegria do pesquisador na solução de problemas e na apreensão da verdade, tem uma qualidade especial, que um dia poderemos caracterizar metapsicologicamente” (FREUD [1930], 2016, p. 23).

Mas o autor adverte que “o ser humano não é uma criatura branda, ávida de amor, que no máximo pode se defender, quando atacado, mas sim que ele deve incluir, entre seus dotes instintuais, também um forte quinhão de agressividade” (FREUD [1930], 2016, p. 57).

Sendo essa a razão pela qual “para ele o próximo não constitui apenas um possível colaborador e objeto sexual, mas também uma tentação para satisfazer a tendência à agressão, para explorar seu trabalho sem recompensá-lo, para dele se utilizar sexualmente contra a sua vontade, para usurpar seu patrimônio, para humilhá-lo, para infligir - lhe dor, para torturá-lo e matá-lo” (FREUD [1930], 2016, p. 57).

Pois, “*Homo homini lupus* [O homem é lobo do homem]; quem, depois de tudo o que aprendeu com a vida e a história, tem coragem de discutir essa frase? “(FREUD [1930], 2016, p. 57).

Para o autor, “via de regra, essa cruel agressividade aguarda uma provocação, ou se coloca a serviço de um propósito diferente, que poderia ser atingido por meios mais suaves” (FREUD [1930], 2016, p. 57).

Aduz ainda que “Em circunstâncias favoráveis, quando as forças psíquicas que normalmente a inibem estão ausentes, ela se expressa também de modo espontâneo, e revela o ser humano como uma besta selvagem que não poupa os de sua própria espécie” (FREUD [1930], 2016, p. 57).

E conclui: “Quem chamar à lembrança os horrores da migração dos povos, das invasões dos hunos, dos mongóis de Gêngis Khan e Tamerlão, da conquista de Jerusalém pelos piedosos cruzados, e ainda as atrocidades da recente Guerra Mundial, terá de se curvar humildemente à verdade dessa concepção” (FREUD [1930], 2016, p. 57). Chega-se então ao homem primitivo, o autor dos autores, o início de tudo.

3. Homem Primitivo

Para o autor, existem algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e a dos neuróticos, pois estudos em antropologia, biologia e história apontaram que entre os australianos primitivos não havia instituições sociais religiosas que visavam regular suas relações, mas sim um sistema de totemismo (FREUD [1913], 2016).

O totem era em sua grande maioria, um animal, planta ou força da natureza com a qual se estabelecia uma relação especial com todo o clã, era o ancestral comum, mas também o espírito protetor, aquele que poupava os filhos do clã (FREUD [1913], 2016).

Assim é que os membros do clã se viam na obrigação sagrada de não destruir o seu totem, além de abster-se de sua carne, se fosse o caso, transmitido hereditariamente por linha materna ou paterna (FREUD [1913], 2016).

Dessa forma “A relação com o totem é o fundamento de todas as obrigações sociais para um australiano; ela se sobrepõe ao fato de pertencer a uma tribo, por um lado, e ao parentesco sanguíneo, por outro lado” (FREUD [1913], 2016, p. 9).

É então a partir do totemismo que se criam os tabus, a exemplo da instituição da exogamia, “a lei de que membros do

mesmo totem não podem ter relações sexuais entre si, ou seja, também não podem se casar” (FREUD [1913], 2016, p. 10).

O tabu, portanto é aquilo que é santo, consagrado, inquietante, perigoso, proibido, impuro; “o tabu está ligado à ideia de algo reservado, exprime-se em proibições e restrições, essencialmente” (FREUD [1913], 2016, p. 12).

Por essa razão “A violação de um tabu torna tabu o próprio infrator” (FREUD [1913], 2016, p. 14).

Tanto os doentes obsessivos como no tabu é estabelecida a regra de que “quem infringiu um tabu ao tocar em algo que é tabu torna-se ele próprio tabu e ninguém pode entrar em contato com ele”. Ou seja, “quem faz o proibido, quem viola o tabu, torna-se ele mesmo tabu”. (FREUD [1913], 2016, p.22).

O objetivo dessa regra é evitar que outros sigam o mesmo exemplo. A coragem demonstrada provoca inveja e o seu ato poderá ser contagioso na medida em que seu exemplo poderá convidar outros a fazerem o mesmo, precisando assim ser veementemente evitado (FREUD [1913], 2016).

E é nesse contexto de reflexão que se insere a horda primitiva constituída por um pai violento e ciumento que reserva todas as fêmeas para si e expulsa os filhos quando crescem. Os filhos retornam, sacrificam o pai, devoram-no e a partir de então sacralizam-no (FREUD [1913], 2016).

A partir daí se proíbe o incesto e estabelece-se a exogamia como norma de vida comunitária e de consequência o totemismo, tratando como tabu aquele que pratica o incesto e vingando-o para que não contagie o restante do grupo (FREUD [1913], 2016).

Ou seja,

O sistema totêmico foi, digamos um contrato com o pai, em que este concedia tudo o que a fantasia da criança podia dele esperar, proteção, cuidado, indulgência, em troca do compromisso de honrar sua vida, ou seja, não repetir contra ele o ato que havia destruído o pai real. Havia também uma tentativa de justificação no totemismo. “Se o pai nos tivesse tratado como o totem, nós jamais teríamos caído na tentação de matá-lo”. Desse modo, o totemismo contribuiu para atenuar as coisas e fazer esquecer o acontecimento ao qual devia sua gênese (FREUD [1913], 2016, p.151).

A cultura do totemismo, portanto, vem explicar de forma muito clara as razões implicadas na cultura do amor e do ódio, da cooperação e exclusão, presentes na mente e comportamento humano, sobretudo no que diz respeito à sua relação com os demais membros do trabalho.

A um, tudo; aos outros, nada. Mata-se o indivíduo que queria tudo, sacraliza-o como totem para que sua existência e seus atos não sejam esquecidos, invejados e repetidos e transformam-se suas ações em tabu, de forma que, acaso repetidas, terão como consequência a morte primeira gerada ainda na horda primitiva e a perpetuação do castigo para os demais seguidores.

É esta, portanto, a história do homem primitivo, indivíduo esse que evoluiu, cresceu, mas que mantém viva em sua memória e constituição genética o comportamento do homem primitivo, indivíduo esse que fazia parte de uma horda, a partir de agora analisada como massa psicológica.

4. Massa

O que é uma massa? Como ela adquire a capacidade de influenciar a vida psíquica do indivíduo de modo tão decisivo? No que consiste a modificação psíquica que ela lhe impõe? (FREUD [1921], 2016).

Pois bem,

A massa psicológica é um ser provisório constituído por elementos heterogêneos que por um momento se ligaram entre si, exatamente como por meio de sua união as células do organismo formam um novo ser com qualidades inteiramente diferentes daquelas das células individuais (FREUD [1921], 2016, p. 41).

A sua capacidade de influenciar a vida psíquica de um indivíduo, por sua vez, advém do fato de que ao ser introduzido na massa, o indivíduo passa a ter uma alma coletiva, o que lhe confere a possibilidade de sentir, pensar e agir de modo inteiramente diferente da forma como sentiria, pensaria e agiria de forma isolada (FREUD [1921], 2016).

Sendo certo que a modificação psíquica que é imposta

ao indivíduo advém das seguintes condições: Primeiro – introduzido num coletivo, o indivíduo adquire um sentimento de invencibilidade, o qual lhe permite entregar-se a instintos, que anteriormente teriam sido necessariamente refreados; Segundo – o caráter anônimo faz com que desapareça o sentimento de responsabilidade (FREUD [1921], 2016).

Ou seja, o indivíduo perde os recalques de suas emoções de impulso inconsciente e, ao mesmo tempo, é contagiado pelo sentimento da multidão, onde seu interesse individual é sacrificado em prol do coletivo (FREUD [1921], 2016).

Em seguida entra num estado de sugestibilidade, “A personalidade consciente desaparece por inteiro, a vontade e o discernimento estão ausentes, todos os sentimentos e pensamentos se orientam na direção estabelecida pelo hipnotizador” (FREUD [1921], 2016, p. 46).

De consequência, segundo Freud apud Le Bon, as principais características do indivíduo que se encontra inserido numa massa são: “desaparecimento da personalidade consciente, predomínio da personalidade inconsciente, orientação dos pensamentos e dos sentimentos na mesma direção por meio da sugestão e do contágio, tendência à execução imediata das ideias sugeridas. O indivíduo não é mais ele mesmo; tornou-se um autômato desprovido de vontade” (Ibid.,p.17 [36].) (FREUD[1921], 2016, p. 47).

Resumindo,

A massa é extraordinariamente influenciável e crédula; é desprovida de crítica; para ela, o improvável não existe. Ela pensa por imagens que se evocam associativamente umas às outras, tal como ocorre ao indivíduo nos estados o livre fantasiar, e nenhuma instância razoável afere sua correspondência com a realidade. Os sentimentos da massa são sempre muito simples e muito exagerados. Assim, a massa não conhece nem a dúvida nem a incerteza (FREUD [1921],2015, p. 50).

Ou seja, não existe um pensar, um refletir, um amadurecimento, mas sim um ato extremo. Uma suspeita se torna certeza, certa antipatia se transforma rapidamente em ódio selvagem (FREUD [1921], 2016).

É certo, portanto, concluir que, “A massa é um rebanho obediente, que nunca pode viver sem senhor. Ela tem tal sede de obedecer que se subordina instintivamente a qualquer um que se nomeie seu senhor” (FREUD [1921], 2016, p. 55).

Assim é que “Em obediência à nova autoridade, a pessoa está autorizada a desativar sua “consciência moral” anterior e, ao mesmo tempo, ceder à tentação do ganho de prazer que certamente obterá mediante a suspensão de suas inibições” (FREUD [1921], 2016, p.64).

O indivíduo na massa passa então a fazer ou aprovar coisas que individualmente teria evitado, “nos piores casos, seu comportamento é antes o de uma manada de animais selvagens que o de seres humanos” (FREUD [1921], 2016, p. 65-66).

Resumindo, “um indivíduo numa massa, devido à influência desta, experimenta uma modificação muitas vezes profunda de sua atividade psíquica. Sua afetividade se intensifica extraordinariamente e sua capacidade intelectual se limita de maneira notável” (FREUD [1921], 2016, p.69).

E isso somente acontece porque há uma necessidade de adaptação aos demais indivíduos da massa, cujo resultado somente pode ser atingido à medida que há uma supressão das inibições dos impulsos próprios a cada pessoa através da renúncia às suas próprias inclinações (FREUD[1921], 2016).

No que tange a ligação da psicologia das massas com a horda primitiva é importante ressaltar que nela, o chefe, o pai, “não amava ninguém exceto a si mesmo, e amava os outros apenas na medida em que serviam às suas necessidades” (FREUD [1921], 2016, p. 132).

5. Conclusão

A reflexão havida permite concluir que duas forças impulsionam o indivíduo para o convívio humano: a possibilidade de cooperação através do trabalho e a formação do grupamento familiar que se constitui pelo vínculo do amor.

Pelos estudos é possível concluir também que o trabalho quando escolhido livremente pode ser fonte de prazer, alegria e criatividade uma vez que permite a sublimação.

Mas o indivíduo que não trabalha por amor, mas tão simplesmente buscando suprir uma necessidade primária,

pode muitas vezes não ter acesso à sublimação e despertar em si o que há de pior enquanto pessoa humana, a agressividade.

Essa agressividade, já existente desde os tempos da horda primitiva, nos filhos que mataram, comeram e endeusaram o pai que os criou, transformando-o em totem, e em tabu o mal que o grassou, ainda hoje se manifesta na humanidade.

E essa humanidade, infelizmente, é constituída por indivíduos que se unem e se transformam numa massa, muitas vezes cinzenta e obscura, posto que para permitir a liga entre os pares, renuncia aos seus princípios e valores, transformando-se talvez no mais vil dos seres humanos e tendo atitudes que sequer aos animais é admissível.

Referências

FREUD, Sigmund. Totem e tabu. São Paulo: Companhia das Letras, 2016 [1913], p. 169.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu. São Paulo: Companhia das Letras, 2016 [1921], p. 176.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. São Paulo: Companhia das Letras, [1927] 2010, p. 139.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. São Paulo: Companhia das Letras [1930], 2016, p. 93.